

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

## **Caminhos da internacionalização da língua portuguesa<sup>1</sup>**

Quero começar por agradecer o convite que me foi endereçado pelo Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas para estar aqui hoje nesta conferência comemorativa do 40.º aniversário do 25 de Abril de 1974. Quero igualmente agradecer as palavras do Prof. Doutor Trouvé Matthieu e agradecer a presença de todos neste fim de tarde de Bordéus.

Com a nesga histórica que 40 anos conseguem deixar vislumbrar, podemos arriscar dizer que, como todos os setores da vida portuguesa, também a língua recebeu o impacto e as “ondas de choque” da Revolução de 25 de Abril. Visto de 2014, podemos arriscar que a revolução possibilitou uma oportunidade de internacionalização e abriu um caminho e um espaço, na cena internacional, de que a língua portuguesa não usufruía até então. O advento de um novo período democrático e de liberdade, nomeadamente a liberdade de pensamento, a liberdade de escolha para todos, o exercício pleno de soberania de que a independência é garante no que respeita também aos cinco países africanos que se tornaram nações independentes, também impôs uma nova realidade para a língua portuguesa.

Com o evoluir democrático e a compreensão que os anos de democracia vieram a permitir, foi possível internamente, em Portugal, em liberdade, o

---

<sup>1</sup> Conferência com apresentação e moderação do Prof. Trouvé Matthieu, Maître de Conférences de l'Institut d'Études Politiques de Bordeaux.

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

reconhecimento de uma língua, sem estatuto oficial e em perigo de desaparecer. Foi possível porque a democracia é também respeito pelas línguas autóctones que coexistem no mesmo território sem que o reconhecimento de uma constitua uma ameaça a outra. O reconhecimento da língua mirandesa como língua oficial regional obrigou a que, pela primeira vez na sua História, Portugal tivesse de inscrever na sua Lei Fundamental, qual a sua língua oficial nacional. E assim, a Constituição da República Portuguesa, na sua quinta revisão, em 2001, estabelece no seu artigo 11.º ponto 3, que a sua língua oficial é o português.

Mas voltando ao plano internacional, e ao período em que decorreu a descolonização há que constatar que os novos países que então ascenderam à independência fizeram uma escolha soberana ao estabelecer a língua portuguesa como sua língua oficial. E essa escolha foi determinante.

Na verdade, antes da Revolução de Abril, a língua portuguesa era *apenas* a língua de Portugal e do Brasil. No entanto, durante a luta armada de libertação se construíram os alicerces para que a língua portuguesa não fosse apenas a língua do colonizador, a língua portuguesa, pela mão dos dirigentes dos movimentos de libertação, começou, também ela, o seu destino de combate e de libertação, já que foi também a língua dos partidos da luta armada pela independência. São bem conhecidas as posições de Amílcar Cabral e de Samora Machel sobre o papel da língua portuguesa, tal como ficou bem conhecido o papel da língua portuguesa na luta de libertação nacional de Timor-Leste.

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

Os novos países ao tomarem a decisão política soberana de tornar a língua portuguesa sua língua oficial, adicionaram à língua portuguesa uma dimensão internacional pluricontinental e subsequentemente, a presença como língua de trabalho nas organizações internacionais regionais em África. De um momento em que 2 países tinham a língua portuguesa como língua oficial, passou-se a uma realidade de 7 e já neste século, de 8 e desde a entrada da Guiné Equatorial de 9.

Ao assumirem a língua portuguesa como sua, os novos países contribuíram decisivamente para o crescimento da língua portuguesa e para a sua afirmação global. A forte aposta na educação, consolidou a língua portuguesa nos respetivos sistemas de ensino, no quadro interno da CPLP, sem que isso impedisse a introdução, em alguns destes países, das línguas nacionais, nos primeiros anos do ensino básico, numa fórmula de ensino bilingue.

No início deste século, alguns dos organismos que se dedicam a analisar o número de falantes das diversas línguas no mundo, atribuíam à língua portuguesa cerca de 190 milhões de falantes, uma das referências neste campo, o *site ethnologue*, atribuíu na sua edição de 2013, 202 milhões de falantes ao português. Eu acho interessantes estes números, porque comparando-os com o número de habitantes atuais do Brasil, 195 milhões, o número indicado nem abrange os 10 milhões de portugueses que vivem Portugal, omitindo-se assim claramente os outros 7 países da CPLP. Uma das razões para este facto é a recolha de dados. Os dados referentes ao Brasil são de 1998 e os de Portugal, por exemplo, de 2010.

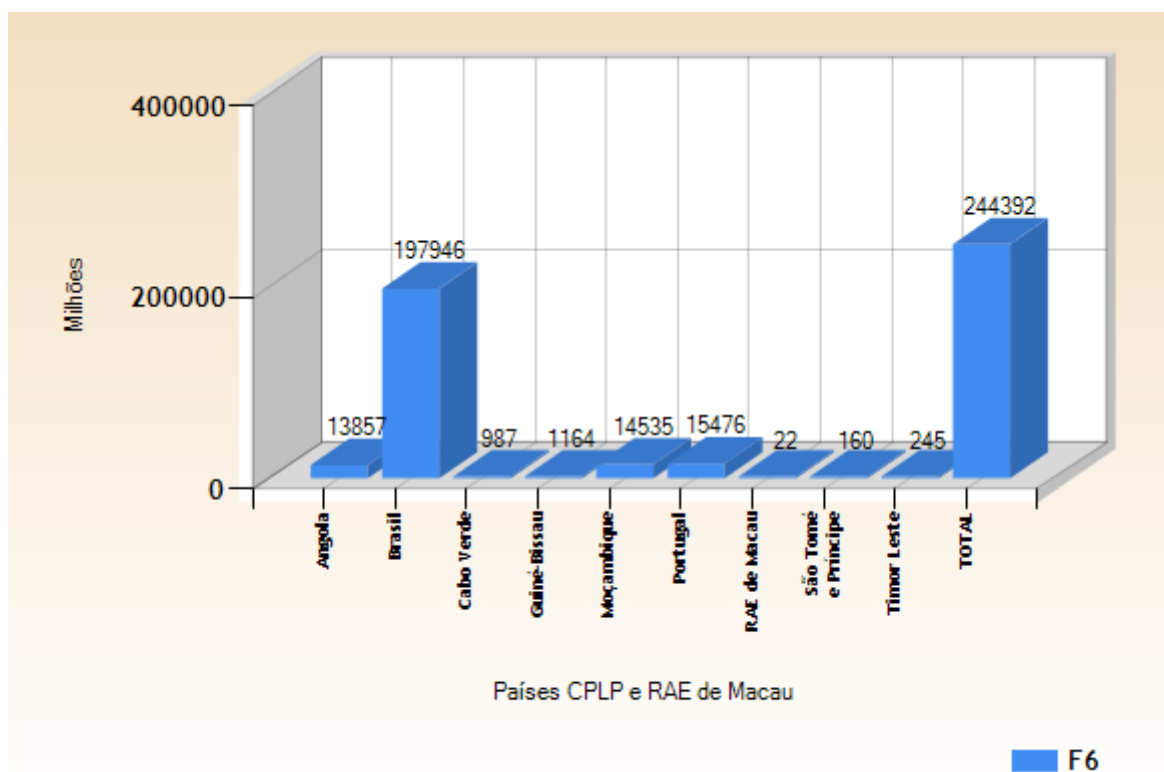
Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.

Tentemos então perceber quem são os falantes de Português no mundo considerando não só os falantes em cada país mas igualmente as respetivas diásporas.

Tomemos os números de 2010 apresentados no [Observatório da Língua Portuguesa](#)<sup>2</sup> que reproduzo abaixo sem alterações ou outro tratamento.

## Falantes de Português

25-08-2010



<sup>2</sup> O [link](#) apresenta uma atualização dos dados a outubro de 2014. Os dados aqui apresentados referem-se à data em que foram recolhidos 8/04/2014, para a Conferência.

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

Países e regiões	População residente (milhares)	Percentagem considerada*	Emigrantes (milhares)	Falantes de Português milhares)
Angola	19082	70%	500	13857
Brasil	194946	100%	3000	197946
Cabo Verde	496	87%	555	987
Guiné-Bissau	1515	57%	300	1164
Moçambique	23391	60%	500	14535
Portugal	10676	100%	4800	15476
RAE de Macau	545	4%	0	22
São Tomé e Príncipe	165	91%	10	160
Timor-Leste	1124	20%	20	245
<b>TOTAL</b>	252595		9715	<b>244392</b>

Fontes:

População de Macau: [Portal do Governo da RAE de Macau](#)

Restante população: [Nações Unidas](#) (ano de 2010).

\* **As percentagens de falantes foram consideradas com base em:**

- Taxas de alfabetização em cada país: [ver cálculo com base em estimativas da CIA e UNESCO.](#)

**Portugal e Brasil**

Foi considerado o valor de 100% de falantes

**Angola**

Foi considerada uma taxa superior (+1 ponto percentual)

**Timor-Leste**

Foi considerada uma taxa inferior, dado que a alfabetização poderá ter sido feita noutra língua, nomeadamente em *Bahasa*.

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

Como vemos, os totais de falantes considerados não contemplam o total das populações excetuando Portugal e Brasil, pelo que não se pode acusar o Observatório de confundir a população total dos nove com a população que fala português.

Independentemente do trabalho da cooperação na área da educação levada a cabo por agências de ajuda ao desenvolvimento de Portugal ou do Brasil, trabalho feito em qualquer dos casos com os países parceiros, o que parece ser interessante de analisar é o crescimento dos falantes de português como primeira língua ou língua materna no período pós independência sabendo-se, a crer no Instituto Nacional de Estatística (INE) em 1978, que a descolonização retirou mais de 500 mil falantes de português a estes novos países. Este número de falantes foi, ao longo destes anos, várias vezes suplantado pelos falantes locais. O fenómeno tem várias explicações a que não será alheia a aposta na educação das novas gerações destes novos países.

### **Breve olhar sobre o mundo da língua inglesa**

Um trabalho da universidade de Ottawa (Canadá), na página do SMLC Gestão Linguística do Canadá, refere o seguinte: excetuando os EUA, o Reino Unido, Canadá, Irlanda, Austrália e Nova Zelândia “o inglês é a língua materna de uma parte insignificante da população em todos os outros países exceto a África do Sul (5,7%). Contudo, se aos 306 milhões de falantes nativos dos países atrás referidos, adicionarmos da Índia,

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

África e Oceânia, o total sobre para 374 milhões. Este é o número de falantes nativos de inglês no mundo, em sentido estrito.

*English is the mother tongue of a fairly insignificant portion of the population in all other countries except **South Africa** (5.7% or two million people). However, if we add the number of native English speakers in the countries listed above to those in India, Africa, and Oceania, the total increases from 306 million to 374 million. This is the number of English speakers (or Anglophones) in the world, strictly speaking.*

Independentemente do número de falantes nativos o que ressalta desta comparação é que, a percentagem de falantes nativos de língua portuguesa em África é muito superior à dos países que têm a língua inglesa como língua oficial. O que não deixa de ser significativo porque como já foi referido, o número de falantes nativos de língua portuguesa em África cresceu sobretudo depois das independências.

A dimensão global da língua Portuguesa, língua com presença acentuada em África e sobretudo na América do Sul, uma presença de 9 séculos na Europa, mas também presente na Ásia, tem hoje, por opção consciente dos países e regiões que a adotaram como sua língua oficial, um peso demográfico e uma importância geopolítica que justifica, pela dinâmica de intervenção internacional crescente dos países da CPLP, uma necessidade de presença efetiva nos organismos internacionais de decisão política multilateral.

Os desafios presentes da língua Portuguesa, como os da sua afirmação nos *fora* internacionais, da sua valorização enquanto língua de aprendizagem

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

quer nos sistemas curriculares de ensino, quer fora deles, e o da promoção e valorização das culturas que se expressam nesta língua, tal como enquanto língua de ciência, são desafios partilhados pelas grandes línguas internacionais e perspetivam a sua contribuição relevante para a valorização social daqueles que a falam, seja como língua materna, segunda, ou como língua estrangeira.

### **Do valor social ao valor económico o estabelecimento de uma nova perceção sobre a língua portuguesa**

Valor social e valor económico da língua não são dissociáveis. A imagem de uma língua economicamente valorizada tem reflexos na valorização social dos seus falantes.

A consciência do falante sobre estatuto da sua língua, a imagem que tem da língua que fala, ou que aprendeu a falar por razões profissionais ou outras, determina a forma como age e reage perante a possibilidade ou impossibilidade de usar essa língua, por exemplo, num congresso, numa comunicação com a administração com os centros de poder e decisão ou simplesmente, no local de trabalho, num café, na rua entre amigos, num ambiente onde outra língua seja dominante.

Da mesma forma, a presença da língua portuguesa nas organizações internacionais, tem reflexos na sua imagem externa como ela é vista pelos dirigentes representantes de outros países falantes de outras línguas. Mais próxima das pessoas e das famílias, a presença da língua portuguesa nos sistemas de ensino dos países onde residem deverá ser um fator de

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

reconhecimento do valor da língua não apenas como língua de uma comunidade mas como língua internacionalmente usada e partilhada por outros falantes seja na sua dimensão cultural ou de negócios.

Quando um país toma a decisão de adotar a língua portuguesa no seu sistema de ensino está a reconhecer valor a esta língua e está a transmitir um sinal aos seus cidadãos sobre o seu interesse em que se aprenda essa língua e da sua relevância para o país.

O estudo “O Potencial Económico da Língua Portuguesa, que tem sido muito divulgado ultimamente e que colocou no discurso de especialistas e de genéricos intervenientes políticos, fala do que chama o efeito de rede e esse é um fator relevante para a atratividade de uma língua. Quando a Argentina adota a língua portuguesa como Língua estrangeira no seu sistema de ensino não está apenas a dar cumprimento a uma orientação enquanto membro do Mercosul, está a reconhecer perante os seus cidadãos o valor e a necessidade da aprendizagem da língua e, por essa via a aumentar o seu valor social e cultural. Quando a Namíbia decide que a Língua Portuguesa seja ensinada nas suas escolas a par de outras línguas estrangeiras está a reconhecer o valor da língua portuguesa e a sua importância económica, mas também o valor social para os que a aprendem. Os mais de 30 mil alunos de português no sistema de ensino do Senegal aprendem a língua não só porque ela está disponível no sistema mas porque estando no sistema tem valor intrínseco.

Os desafios da língua Portuguesa são os de uma grande língua.

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

São os desafios da formação, da qualidade dos docentes e das aprendizagens, são os desafios da certificação dessas aprendizagens com valor oficial.

As comunidades portuguesas residentes no estrangeiro (dentro e fora da UE) nomeadamente as gerações mais novas têm aqui um papel a desempenhar.

O que vemos hoje um pouco por todo o mundo, e a China é um dado importante neste olhar, pelo seu interesse crescente na língua portuguesa, é o resultado da rede que a língua portuguesa agregou, pela sua pluricontinentalidade, pelo facto de em continentes diferentes os países que a falam estarem perante a perspetiva de grande desenvolvimento, num futuro que é visível nesta geração.

Brasil, Angola e Moçambique têm condições para se afirmar não só regionalmente mas podem ambicionar, como é o caso do Brasil, a desempenhar um papel mais determinante, nomeadamente no âmbito das Nações Unidas.

Uma língua beneficia da rede e devolve aos países que a falam o benefício de fazerem parte de um conjunto que vai construindo uma imagem que se vai fortalecendo.

Esta realidade incorpora a imagem que o falante tem da sua língua e esta relação entre valor económico, valor social e projeção cultural, contamina a imagem que os não falantes têm dessa língua, faz aumentar o desejo de a aprender.

Muitas línguas ao longo da história da humanidade ultrapassaram fronteiras e foram além dos seus falantes nativos tornando-se

**Conferência realizada em Bordéus, França, na Maison de l'Europe, no dia 10 de abril de 2014, a convite do Senhor Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, no âmbito das comemorações dos 40 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974.**

importantes vias de difusão cultural, comercial, económica e de reconhecimento do exercício do poder económico e político pelos que dominavam essas línguas. A história mostrou que a umas, outras se sucederam. Nenhuma sobreviveu a um novo poder, a uma nova realidade económica, a uma nova relação com a dimensão do homem à medida que foi crescendo e globalizando a sua ação. A nenhuma língua foi proporcionada uma segunda vaga. Até agora.

O modelo e o contexto são diferentes. O modelo é o das sociedades multilingues e do cidadão plurilingue. O contexto é o da diversidade e do respeito pelas contribuições que as diversas línguas, e as constelações de culturas que transmitem oferecem a um mundo plural. Mas foi nesse ambiente que a língua portuguesa voltou a crescer, num contexto de liberdade dos povos que a falam, de liberdade de partilha e de pertença comum e de respeito pelos contextos multilingues em que convive com crioulos de base portuguesa ou línguas nacionais a quem pede e dá léxico, num enriquecimento lexical mútuo não muito diverso do diálogo que noutros séculos estabeleceu com línguas como o japonês, o bahasa indonésio ou malaio, ou o chinês.

Muito obrigado.

Mário Filipe

10 de abril de 2014